no algodão, com o maior reajuste. Isso mostra o nítido interesse do governo em estimular o crescimento da lavoura. Nas demais culturas, exceto a mandioca, os preços mínimos deverão ficar abaixo dos níveis praticados pelo mercado.

A pequena prioridade dada aos preços mínimos como instrumento para estimular o plantio revela a tendência do Ministério da Agricultura para não intervir nos mercados. É uma ratificação daquilo que vem ocorrendo nos últimos anos. Desde 1995, quando os estoques de milho, soja e algodão chegaram no expressivo nível de 15 milhões de toneladas, observa-se um esvaziamento nos volumes disponíveis.

Na comercialização da safra 1999/2000 é bem provável que o governo reduza ainda mais sua participação na compra de produtos. No primeiro semestre deste ano, com a fraca diferença entre os preços de mercado e o preço mínimo, o Programa de Escoamento de Produto (PEP) encolheu: o movimento foi de R$217 milhões contra R$350 milhões em 1998. Em contrapartida, o leilão de mercadoria disponível, como arroz, milho, soja e trigo, quase dobrará para R$10 milhões.

SAFRA DE VERÃO II

Queda e imobilidade

Defensivos e fertilizantes apresentaram retração, enquanto sementes e tratores conseguem manter o cenário de 1998

LUIZANTONIOPINAZZA E REGISALIMANDRO

Sementes

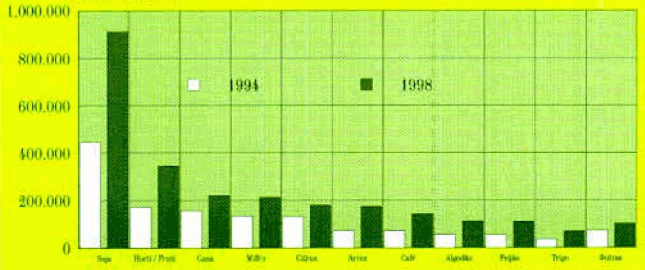
A indústria sementeira opera sob a perspectiva de manutenção do cenário de 1998 para o corrente exercício, pelo menos em termos de volume. A comercialização deverá envolver um montante de 1,5 milhão de toneladas, de acordo com a Associação Brasileira dos Produtores de Sementes (Abrasem). O ritmo das vendas está mais acelerado para o milho, cuja oferta projetada é de 160 mil toneladas, enquanto a demanda gira em torno de 140 mil toneladas. Para a soja, a colocação das sementes mostra um desempenho fraco, diante de uma produção de 860 mil toneladas. A discussão sobre a regulamentação de produtos transgênicos no país é acompanhada com atenção pelas empresas.

Fertilizantes

Pelos números da Associação Nacional de Difusão de Adubo (Anda), as vendas de fertilizantes tiveram uma retração de 20% no primeiro semestre, em relação a igual período de 1998. A fraca adubação da cana explica em grande parte esse comportamento. O agricultor por sua vez encontra dificuldades para absorver o incremento ocorrido nos preços do insumo, de 40% a 50%, fruto da desvalorização do real. Grande parte da maté-

Consumo de defensivos agrícolas por cultura

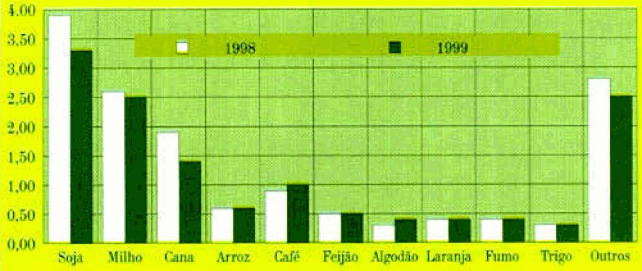
US$ bilhões



Fonte: Andef.

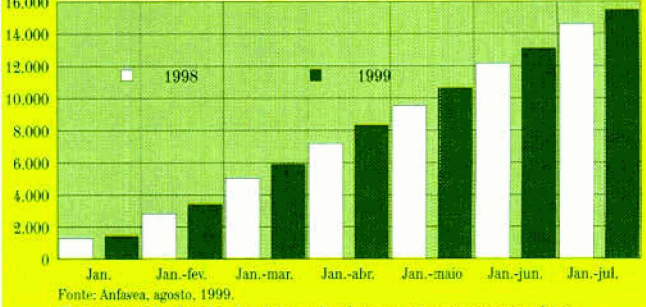
Consumo de fertilizantes por cultura

Milhões de t



Fonte: Anda.

Brasil: vendas de máquinas agrícolas automotrizes*



Fonte: Anfavea, agosto, 1999.
*Tratores agrícolas de rodas, de esteiras, cultivadores motorizados e retroescavadeiras.

ria-prima utilizada na formulação de fertilizantes é importada.

A melhora esperada para o segundo semestre não chegará a provocar um crescimento na produção, que deve recuar de 5% a 8%. No ano passado a produção foi de 14,7 milhões de toneladas e a indústria emprestou US$400 milhões para os produtores – mas deverá emprestar bem menos na atual safra.

Defensivos

De acordo com as estatísticas do Sindicato de Defensivos Agrícolas (Sindag), no primeiro semestre as vendas de defensivos caíram mais de 20%. É uma quebra no ciclo recente de expansão no faturamento do setor, que vinha em 20% ao ano.

Para o ano todo as empresas esperam que a queda não seja superior a 20%. A inadimplência continua alta. Estima-se que a indústria tenha emprestado US$1,7 bilhão para os agricultores adquirirem seus produtos. Desse montante, de 25% a 30% estão ainda em aberto para serem quitados.

Tratores

Entre os meses de janeiro e julho, conforme as estatísticas da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), as vendas totalizaram 15,4 mil unidades, enquanto em igual período de 1998 foram comercializadas 14,6 mil unidades. Para fechar 1999, espera-se que girem cerca de 20 mil tratores, o que representa um acréscimo de 7,5% sobre as vendas do ano passado, de 18,6 mil. Na área de exportação, comparando os embarques do primeiro semestre, foram registradas 2,1 mil unidades – uma queda de 63,2%, em comparação com 1998.

SAFRA DE VERÃO III

Sem dinheiro no bolso

Com o poder de compra reduzido e crédito escasso, os agricultores brasileiros se preparam para o plantio da próxima safra

ANDRÉ PESSÔA



André Pessôa *é engenheiro agrônomo pela Universidade Federal de Viçosa, MG, mestre em Economia Agrícola pela USP/Esalq, sócio consultor da Agroconsult Ltda. e assessor de Economia da Associação Brasileira de Marketing Rural.*

O plantio da safra de grãos 1999/00 será marcado pelos efeitos da desvalorização do real e do ambiente desfavorável de preços de *commodities* no mercado internacional. Internamente a desvalorização do real em cerca de 50% trouxe como reflexos mais importantes a elevação da renda nominal dos produtores brasileiros e a elevação nominal dos custos de produção.

Resultados líquidos

Decorrido um semestre da alteração da política cambial, já é possível fazer um balanço mais preciso do resultado líquido em termos de preços relativos decorrente desse processo.

Num primeiro momento imaginava-se que a elevação dos preços em reais (ganho nominal) seria significativamente maior que a provável elevação dos custos de produção. Isso teria sido possível, pois boa parte dos itens de custo de produção é cotada em reais (salários, depreciações, manutenção de equipamentos, impostos, assistência técnica, custos administrativos etc.).

Neste cenário, o forte impacto da desvalorização sobre insumos semi ou totalmente dolarizados como fertilizantes, defensivos e sementes teria sido atenuado pela pequena alteração nos preços dos itens em reais. Os impactos líquidos variariam de lavoura para lavoura de acordo com o peso relativo de cada item no custo total. Dessa forma a soja, que usa intensamente insumos dolarizados, se-